



O CASO L.

Um estudo winnicottiano

Kelly Fernanda Cremer Rangel
Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo
São Paulo, 2005

SUMÁRIO

1	Introdução	2
1.0.1	Apresentação do Tema	2
1.0.2	Justificativa	2
2	O CASO L.	4
2.0.1	A entrevista com a mãe: o primeiro encontro	4
2.0.2	A primeira sessão com L.: o segundo encontro	6
2.0.3	A visita à escola	7
2.0.4	A devolutiva: o terceiro e último encontro	9
3	Considerações finais	12
4	Bibliografia	13



1 INTRODUÇÃO

1.0.1 Apresentação do Tema

Trata-se de um trabalho de conclusão do curso de Orientação à Queixa Escolar, tendo como modalidade o aperfeiçoamento do trabalho psicológico, na atuação clínica, na postura social e escolar do psicólogo. Diferente do modelo tradicional, este vem oferecer um modelo breve e focal, envolvendo todos os participantes da produção do fracasso escolar.

Muitas vezes, o aluno é tido como o principal responsável pelo seu fracasso, sendo visto e analisado apenas seu mundo interno. Neste curso, observei a importância de um olhar abrangente, envolvendo todo o ambiente (pais, alunos, professores e escola), para a compreensão do fracasso escolar, e a responsabilidade de todos no processo.

Dessa forma, relatarei um caso, que entre aqueles realizados, chamou-me a atenção pelo redirecionamento realizado. Apoiada nos conceitos de Winnicott, pude observar e analisar junto ao adolescente, a família e a escola, a queixa latente manifestada através da produção do fracasso escolar.

1.0.2 Justificativa

Trata-se de um adolescente de 13 anos, sexo masculino, que chegou à clínica com queixa de indisciplina em casa, na escola e baixo rendimento escolar (notas baixas). De acordo com o relato da mãe, recebe semanalmente reclamações dos professores e da escola sobre seu rendimento e comportamento inadequado. Encaminhados pela escola, a mãe procurou-nos, afirmando “não saber mais o que fazer” (sic).

Percebeu-se em três sessões e uma visita a escola, o quanto a dinâmica familiar estava relacionada com a queixa, e não com a relação ensino-aprendizagem, na produção do fracasso escolar.

Por questões éticas, não citarei nomes, utilizarei apenas letras que os representam,



tratarei o adolescente como L., a Mãe como M. e o pai como P.. Fazendo aqui, uma síntese do caso L., embasada nos conceitos de Winnicott, sobre a importância do ambiente para o desenvolvimento da criança e suas influências, quando este não é suficientemente bom.



2 O CASO L.

Farei, paralelo ao relato das sessões, um breve estudo do caso, através da leitura dos livros “Tudo começa em casa” e “Privação e Delinquência” de Donalt Winnicott, que aponta a importância do ambiente familiar e suas conseqüências, quando este não consegue suprir as necessidades individuais da criança, e gera falhas no desenvolvimento.

2.0.1 A entrevista com a mãe: o primeiro encontro

De acordo com Winnicott (1999), a família é o primeiro grupo de uma criança, exercendo grande influência no desenvolvimento da estrutura de sua personalidade, podemos afirmar que ela pode reger todo o processo de crescimento do indivíduo. Dentro deste grupo, a mãe (ou a pessoa que exerce a maternagem) tem um papel primordial, a sua postura na relação, na função de se adaptar e suprir minimamente as necessidades da criança, proporciona um ambiente suficientemente bom, para que se sinta segura á medida que vai tendo contato com o principio de realidade.

Sendo assim, ouvi a queixa trazida pela mãe, como também a história, as primeiras relações e as circunstancias que L. foi cuidado desde seu nascimento.

“A mãe compareceu á sessão sem a presença do pai, que faltara por motivos de trabalho”.

L. um adolescente de 13 anos, sexo masculino, pertencente a uma família de classe média, moradora de um condomínio fechado, em um bairro de São Paulo. É o último de quatro filhos, tido como “temporão” (sic). A mãe reconhece que ele sempre teve muito conforto financeiro, pois o pai é veterinário, responsável pela fazenda de um grande instituto de pesquisa estadual/federal de vacinas, e professor universitário; e ela, teóloga, também sempre trabalhou fora de casa, atualmente esta cursando faculdade de biologia¹, pois trabalha no mesmo instituto do marido.

Dos quatro filhos, L. é o único com insucessos escolares, os demais, sempre foram muito bem na escola, inclusive o mais velho é médico. M. relata “ não saber o que aconteceu com L” (sic).

¹A mãe afirma ter parado provisoriamente de estudar para ajudar seu filho com os problemas escolares.



De acordo com a história de vida da criança, um fato marcante aconteceu na vida de L., com 15 dias de vida, teve que se submeter a uma cirurgia de hérnia, permanecendo cinco dias no hospital. Voltando para casa, segundo a mãe, foi bem cuidado, e com um ano e meio de idade, foi para “escolinha” para que sua mãe pudesse trabalhar². Desde então, permanece em período integral na escola.

Já de início, vemos a primeira “institucionalização” quando L. precisa ser submetido ao processo cirúrgico, havendo uma ruptura com o ambiente e com o processo de preocupação materna primária vivido entre mãe e o bebê antes dos seis meses de vida, onde segundo o autor, acontece uma fusão necessária na relação para a formação do *self* da criança. E uma segunda separação acontece, quando numa idade mais tarde, a mãe foi substituída pela escola. Talvez, este corte ocorreu quando L. ainda não tinha uma imagem da mãe objetiva internalizada.

Como relata o autor:

*“A criança está começando a se separar da mãe e, antes que a mãe possa ser percebida de modo objetivo, ela é aquilo que se poderia denominar um objeto subjetivo. É realmente um choque considerável para a criança ter que experimentar algo intermediário entre o uso da mãe enquanto objeto subjetivo, ou seja, enquanto um aspecto do **self**, e um objeto que não é o **self** e, portanto, se situa fora do controle onipotente. E a mãe leva cabo uma tarefa muito importante, ao se adaptar às necessidades da criança, de tal modo que acaba diminuindo o impacto deste choque a que me referi, e que diz respeito ao contato com o princípio de realidade. A figura materna vai sendo duplicada.”* (WINNICOTT, 1996- pág. 103)

De acordo com Winnicott (1996), para que haja um bom desenvolvimento, a criança precisa de um tempo para que possa experimentar vários tipos de relações objetivas, podem variar entre a mãe, pai, uma tia... (como se fosse uma duplicação da mãe), experimentando as relações com o ambiente. Assim ela realiza um tipo de percepção objetiva, mas não significa que esteja completamente desenvolvida, a qualquer momento ela volta à mãe subjetiva, ou seja, aos odores familiares ao ambiente subjetivo. Portanto, este é a base da estruturação emocional e da personalidade de um indivíduo.

O ambiente e os padrões familiares passam ser a referência, quando a criança faz outras experiências objetivas, sempre volta ao ambiente subjetivo, a sua família.

Porém o que observamos, é que por melhor que uma escola seja, é sempre uma instituição, e não consegue suprir as necessidades individuais de uma criança. E nestas

²A família veio da Bahia; e por não ter nenhum parente próximo, colocou numa escola particular, em período integral.



condições, especialmente numa escola tradicional (veremos mais adiante), L. foi crescendo e se desenvolvendo.

Quanto ao desenvolvimento motor e cognitivo, aparentemente deu-se de forma natural, nenhum atraso foi detectado.

Segundo o relato da mãe, a criança vem apresentando notas muito baixas, não se interessa pela escola, não anota as lições na agenda³, mantém comportamentos agressivos com os professores, e a ignora quando chama sua atenção. Gosta de jogar vídeo game, tem apenas três amigos⁴, joga futebol, handbol e basquete na escola.

De acordo com a mãe, L. permanece período integral na escola, e se queixa muito por isso, afirma ter muito sono e sente-se cansado, pois fica das 07h30 às 18h00 na escola. Assim, por sugestão da coordenadora, está entrando uma hora mais tarde, para que descanse mais⁵. Porém as reclamações por parte de L. continuam, e as queixas da escola permanecem.

Quanto às relações familiares, a mãe afirma que L. é quieto, quase não conversa, e quando é chamada sua atenção por algum motivo, às vezes balança o ombro, outras vezes, apenas ignora.

Questiono aqui, quanto tempo esta criança fica com sua família, que tipo de cuidados pôde receber desde a idade de um ano e meio, quando foi para escola? Que tipo de cuidados a escola possibilitou, sendo uma instituição pedagógica tradicional? L. sofreu privação familiar?

2.0.2 A primeira sessão com L.: o segundo encontro

Em nosso primeiro encontro, L. mostrou-se tímido, porém no decorrer da conversa, foi se soltando, e dizendo sobre suas queixas. “Repetindo as mesmas queixas de sua mãe, alegando que os professores xingavam-no sem razão, que os outros “aprontavam”, e ele levava a culpa. Reclamou muito do tempo, dizendo que gostaria de ficar mais tempo em casa” (sic).

Na hora lúdica, L. sugeriu que jogássemos xadrez⁶, como eu desconheço as técnicas do jogo, decidiu então jogar dama. Durante o jogo, mostrou-se atento, e com facilidade ganhou uma partida. Durante a segunda, iniciei o contrato, quando disse que nos encontraríamos por no máximo oito vezes, L. emudeceu e permaneceu estático. Perguntei

³A agenda é um instrumento utilizado pela escola, para que no período de aulas, os alunos anotem as tarefas de casa, para que a professora do integral verifique e ajude nas tarefas de casa, que neste caso, é realizada na escola.

⁴A mãe justifica, que tem poucos amigos, porque mora em um condomínio pequeno, onde a maioria são adultos, assim, L. nas horas vagas, brinca com as únicas crianças do local.

⁵Um micro ônibus da própria escola vai buscá-lo em casa para escola e á noite leva-o de volta. Considerando o percurso do ônibus, o adolescente chega em casa após ás 19h.

⁶O que confirma a hipótese de que L. possui suas funções cognitivas preservadas.



se sua mãe havia dito que nos veríamos por mais de uma vez, apenas acenou com a cabeça que não. Permaneceu assim, por aproximadamente vinte minutos, até o término da sessão. Depois saiu correndo do consultório e inclusive da sala de espera, ignorando a presença de M. na mesma.

Ao conversar com sua mãe, relatei o episódio, e ela apenas respondeu-me: “Viu... ele é assim mesmo, está impossível” (sic). Por estar na sala de espera, afirmei apenas que L. se sentiu traído, ao pensar que viria apenas uma vez.

Em supervisão, ao relatar o ocorrido, pensamos que poderia se tratar de uma personalidade antissocial, e que dificilmente, conseguiria trabalhar somente em um setting terapêutico individual.

Para Winnicott (2002), a tendência anti-social está repleta de ganhos secundários e as reações sociais, normalmente estão relacionadas com dificuldades referentes ao desenvolvimento emocional. É uma resposta a falha no ambiente externo, por isso o ambiente deve ser reparado e não o indivíduo. Portanto, a resposta de L. através de seu silêncio, pode ser considerado um sinal bastante positivo e favorável, indicando ainda uma potencialidade de recuperação. Talvez um forma de protesto e reivindicação?

Por motivos diversos, ficamos duas semanas sem nos vermos, porém mantive contato com a mãe por telefone. Mas, para obter maior clareza do caso, reporteime a escola, com autorização da mãe, para uma visita.

2.0.3 A visita à escola

A visita foi um passo muito importante do atendimento, possibilitando a escuta de todos os envolvidos. De acordo com o relato da coordenadora, “L, desde que entrou nesta escola, nunca foi uma criança dedicada, sempre foi muito desobediente e sempre disse que não gostava de estudar” (sic).

Segundo a coordenadora e uma das professoras de L, não se trata de problemas pedagógicos ou cognitivos, parece ser desinteresse. E neste ano, os problemas de comportamento e notas agravaram-se.

Além das queixas ditas pela mãe, também relataram comportamentos de brigas, furto, mentiras, levar bebida alcoólica para escola. Comportamentos que, quando descobertos são negados pelo adolescente e são assumidos somente depois de muita insistência.

Também afirmam que presenciaram várias brigas entre mãe e filho na própria escola, onde L. enfrenta a mãe com gritos e palavrões.

Vemos neste discurso o que para Winnicott (2002), é uma clara manifestação da tendência antissocial, relacionados aos atos do adolescente: os furtos, mentiras, incon-



tinência, brigas, são tentativas de forçar o ambiente a reparar o que lhe foi tirado (busca a mãe sobre quem a criança considera ter direitos), procura estabilidade ambiental que aguente seu comportamento impulsivo. Apesar de cada sintoma ter o seu significado, vale lembrar que o fator comum, pode significar um grito de socorro, um pedido de ajuda para a reparação do ambiente.

Questionei sobre a presença do pai, onde afirmaram que este ano, devido a gravidade dos problemas, pela primeira vez esteve em uma reunião na escola, participando da situação escolar do garoto. Também disseram que diante do pai, ele se cala, não enfrenta, porém não obedece.

O pai exerce um papel fundamental para o apoio à mãe, nos primeiros meses da vida do bebê. Para que a mãe possa ser suficientemente boa, o ambiente dela (o pai), precisa ser suficientemente bom. Assim, de acordo com Winnicott (1996), o pai entra na vida da criança como uma duplicação da mãe, que aos poucos vai se tornando na figura concreta de um homem, vai sendo reconhecido pela criança. De qualquer modo, é a postura do pai concreto, que determinará a constituição da família subjetiva do indivíduo.

Percebemos através dos discursos da mãe e da escola, a ausência do pai na vida de L., e fica evidente a maneira como o adolescente lida com esta falta através de suas atitudes agressivas no ambiente escolar e familiar, e mesmo quando se cala, podemos supor a dificuldade de reconhecer o pai subjetivo e por consequência, a impossibilidade de se relacionar, ou até confrontar o pai concreto. Então, qual será, para L., o significado do pai? Diante da falta, que significado tem sua família?

A visita à escola teve um papel fundamental na análise do caso, pois, muitos destes dados foram omitidos pela mãe, inclusive os episódios do furto associada mentira, o que caracteriza a tendência anti-social do adolescente, já que Winnicott (2002), considera que quando a criança furta um objeto, não deseja o objeto em si, e sim a mãe sobre quem ela tem direitos:

“Esses direitos derivam do fato de que (do ponto de vista da criança) a mãe foi criada pela criança. A mãe satisfaz a criatividade primária da criança e, assim, converteu-se no objeto que a criança estava disposta a encontrar. (A mãe não podia ter criado a mãe; além disso, o significado da mãe para a criança, depende da criatividade desta última.”
(WINNICOTT (2002) – pág. 141)

Assim, o adolescente não precisa e não quer o que rouba, mas procura algo que considera ter direito. Ele agita o ambiente, numa tentativa de alertar para o perigo, tenta organizá-lo de modo que tolere o incômodo. Então, o sintoma de L, além de



“gritar” o seu sofrimento, representa, o que Winnicott (2002), denomina autocura – uma tendência de recuperar a fusão libidinal e motilidade.

O comportamento desajustado que L. vem demonstrando, a dificuldade de relacionamento com sua mãe, a ausência do pai, a dificuldade da família em falar sobre o problema, fez com que entendêssemos a produção do fracasso escolar, através de seu comportamento desajustado, agressões verbais como uma reivindicação dos cuidados que se sente privado.

A mãe nos comunica, pelo telefone, que o adolescente se recusa a continuar o processo terapêutico, e interpretamos a sua recusa como uma denúncia, consideravelmente saudável, de um ambiente que lhe foi “tirado”, que deixou lacunas, e que agora na puberdade, “sua voz” aparece no ambiente escolar, o substituto de seu berço, de seu colo, de seu seio.

A tendência anti-social, para Winnicott (2002), está muito ligada, ao que o autor denomina de “complexo de privação” ou a deprivação, é quando falta a uma criança características essenciais da vida familiar, assim podemos entender o comportamento anti-social de L., expresso no lar; e de forma mais ampla e intensa, na escola, ambiente onde mais conviveu.

Por se tratar de um atendimento breve e focal, este serviço de Orientação à queixa escolar, por orientação da supervisora, se propôs a realizar uma última sessão de devolutiva, promovendo um encontro entre mãe-pai-filho, abrindo uma primeira possibilidade de diálogo. Para depois, encaminhar a família para o Atendimento de orientação familiar, entendendo, através de Winnicott (2002), que tratamento da tendência anti-social não se faz somente pela análise individual, necessita de contenção ambiental mais adequada e ampla.

2.0.4 A devolutiva: o terceiro e último encontro

Compareceram à sessão mãe e filho, o pai novamente não esteve presente por razões de trabalho.

Já na recepção, observei que mãe e filho não conversavam. Entraram na sala, e L. permaneceu do início ao fim da sessão num “gritante” silêncio.

No início da sessão, perguntei como estavam as coisas, e imediatamente a mãe começou a falar que “seu filho não tinha jeito, que as coisas haviam piorado.” (sic)

Diante da postura da mãe, e do silêncio de L., decidi realizar a intervenção mais diretiva.



Nesta sessão, realizei os apontamentos necessários, sobre o que havia observado, sobre a visita na escola, sobre a dificuldade de relacionamento e a necessidade da família em conversar sobre o problema, que apesar de L. apresentar um mau comportamento na escola, o problema não estava somente com ele, e sim no ambiente familiar. Não se trata de buscar culpados, mas de ampliar o olhar para o funcionamento da família, ele comunica seu sofrimento através produção do fracasso escolar. Podemos entender que este ambiente não foi suficiente para suprir as necessidades de L., gerando falhas no desenvolvimento, e agora na adolescência, tenta reaver o que lhe foi tirado.

“Existe uma relação direta entre a tendência anti-social e a privação. Isso é conhecido desde longa data pelos especialistas nesta área, mas deve-se predominantemente a John Bowlby o fato de haver hoje reconhecimento generalizado das relações entre a tendência anti-social e a privação emocional, tipicamente no período que vai até a idade em que a criança começa dar os primeiros passos, entre um e dois anos de idade” (WINNICOTT (2002) – pág.139)

Esta característica é bastante marcante na vida de L., observados em dois momentos, o primeiro foi a intervenção cirúrgica com 15 dias de vida, havendo a primeira institucionalização da criança, houve uma ruptura com o ambiente e da “vivência fusionada”; e o segundo, foi a inserção na escola em tempo integral, desde um ano e meio de idade, esta fundamentada no método tradicional, e desde então é o lugar onde convive a maior parte do tempo. E quando chega em casa, não “reencontra” a família (concreta e subjetiva). Á partir daí podemos supor que L., sofreu o que o autor chama de *verdadeiro desaposamento* (o que não é uma simples carência), e sim, sente que algo bom e positivo lhe foi tirado.

Em virtude do tempo desta retirada (já que cresceu e se desenvolveu na escola), L. deixou de manter viva a lembrança desta experiência positiva, daí podemos supor que os pontos exatos do trauma, se encontram na esfera inconsciente, longe de sua lembrança.

Apontei também os comportamentos desajustados que tinha e enfatizei que eles devem ser entendidos como uma reivindicação de suas necessidades insatisfeitas, e que apesar do apelo em ser ouvido, adolescente precisa ser contido. Fiz o encaminhamento ao atendimento de Orientação Familiar, afirmando também à L. que todos precisavam de ajuda, não somente ele... “A mãe interrompendo-me, volta a dizer, que sempre deu de tudo, ele sempre teve o que quis, e agora ele não dava valor...” (sic). Relatou também que não havia comprado presente do dia das crianças como castigo, e também porque não era mais criança. Então neste momento, L. sai da sala sem nenhuma palavra.(sic)

Diante do contexto e em virtude do tempo, encerrei a sessão, passando o contato da terapeuta especializada em família, enfatizando a importância do caso.



Pois, o comportamento desajustado pode deixar uma criança incontrolável, quando não cuidada, acaba sofrendo apenas a punição de seus atos, procurando tentativas de reajuste. Caso todos estes caminhos fracassem, esta criança poderá ser considerada um adulto psicopata, afirma Winnicott (2002).

Seguindo os objetivos do curso de Orientação à queixa escolar, três meses após o encaminhamento, é realizado um contato via telefone, para verificação do mesmo. O que será feito por mim, ao seu devido tempo.



3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar de o atendimento descrito ter durado três sessões e uma visita à escola, foi para mim, uma experiência bastante enriquecedora. Diante de minha pouca experiência, de minhas dúvidas e questionamentos, a base teórica e de supervisão que este curso proporcionou, pôde nortear e reformular meus princípios teóricos, refundamentando minha atuação clínica.

Quanto ao caso L., o que pessoalmente senti, talvez em um processo de transferência, além de muita angústia transmitida pela criança, é que não há espaço para L. dentro de casa.

Como foi descrito, a tendência anti-social está muito ligada, ao que o autor denomina de complexo de privação, é quando falta a uma criança características essenciais da vida familiar, assim o comportamento anti-social de L. é expresso na escola, ambiente onde mais conviveu, cresceu e se desenvolveu. E agora grita reivindicando a falta, através de seus atos desajustados, para que seus pais melhor lhe escutem e restaurem a lacuna gerada em seu desenvolvimento.

Para isso, entendeu-se, necessário um atendimento focado na família, o que não é o caso de Orientação à queixa escolar, sendo assim, foi realizado este encaminhamento.

Talvez, possa haver questionamentos, sobre as razões que me fizeram escolher este caso e este tema, considerando que foi encaminhado para outro tipo de atendimento. Pessoalmente, entrar em contato com este tipo de dinâmica familiar, me fez pensar, com mais cautela, sobre as queixas escolares que chegam à clínica. Repensar na sua totalidade, em todos os envolvidos, possibilita maior eficácia no atendimento, e sobretudo, olhar para a criança e não para a sua queixa e o seu fracasso escolar apenas, mas sim o que de maneira inconsciente está tentando dizer.



4 BIBLIOGRAFIA

WINNICOTT, D. W. *Tudo começa em casa*. São Paulo: Martins Fontes, 1996 - 2ª ed.

WINNICOTT, D. W. *Privação e delinqüência*. São Paulo: Martins Fontes, 2002 - 3ª ed.

SEVERINO, Antônio Joaquim. *Metodologia do Trabalho Científico*. São Paulo: Cortez, 2000 – 21 ed.